

## **A INTERDISCIPLINARIDADE COMO *REMÉDIO E VENENO* NAS POLÍTICAS DE CURRÍCULO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

*Hugo Heleno Camilo Costa*

**N**o Brasil, principalmente a partir da década de 1990, as políticas curriculares têm se configurado em torno da perspectiva do currículo integrado, entendido como a alternativa a um ensino mnemônico, descontextualizado e fragmentado em disciplinas. Este ensino, no atual estágio de uma suposta globalização, não estaria em consonância com as demandas sociais hodiernas. Dentre as possibilidades interpretativas desta política, pode-se identificar a idéia de que um dos elementos que a constitui externamente, como por oposição, seria o currículo disciplinar, lido como antiquado, a ser superado. Esta superação consistiria, também, na distensão do currículo disciplinar em direção a um currículo integrado, interdisciplinar. No entanto, dada a hegemonia do currículo disciplinar, seja na formação de professores, na elaboração dos livros didáticos e na produção dos textos oficiais, é estabelecida a tensão entre as duas perspectivas.

Visando alcançar, a partir das disciplinas, um currículo integrado, é proposta a interdisciplinaridade, dentre outros elementos, como um mecanismo integrador. Na área de Ciências Humanas, parte-se do pressuposto de que haveria uma predisposição facilitadora à integração na área, pelo fato de que são objetos comuns a *Sociedade, o Homem, a Cultura, a Política e Economia*. Estaria aí uma potente capacidade de produção de um currículo interdisciplinar. Porém, apesar dessa preconizada integração curricular, os textos continuam, nos documentos oficiais, sendo desenvolvidos de modo compartimentado e por disciplina, podendo ser lidos de modo estanque. Além disso, chamo a atenção para o modo como as diferentes disciplinas da área - Geografia, Filosofia, História

e Sociologia -, se apropriam desses objetos e os ressignificam a partir de suas matrizes teóricas específicas.

Particularmente nos textos de Geografia, a discussão sobre interdisciplinaridade ganha força e se desenvolve com base numa leitura calcada num enfoque disciplinar. Recorre-se a uma abordagem em que é defendida, não uma interdisciplinaridade integradora do currículo, das disciplinas da Área de Ciências Humanas, mas uma visão de interdisciplinaridade geográfica, delineada a partir desse conhecimento específico.

Nesse sentido, tomando por base, também, a História do Pensamento Geográfico (HPG), a interdisciplinaridade é lida como uma feição da Geografia, fazendo alusão à gênese de sua constituição epistemológica. Esta é entendida como oriunda de uma matriz interdisciplinar, caracterizada na modernidade, *a priori*, pelas vertentes Física e Humana que, em seu interior, se organizariam apropriando-se de conhecimentos originários de distintas ciências, como a Meteorologia, a Geologia, Física, Química e Biologia, no caso da Geografia Física; e Sociologia, Filosofia, Antropologia, História, Economia e Psicologia, no caso da Geografia Humana. Assim, o fato de ser uma área do conhecimento estruturada de modo interdisciplinar permite que o significativo interdisciplinaridade seja interpretado de modo a reforçar o currículo disciplinar.

Para análise dessa situação específica da Geografia, em sua relação com a interdisciplinaridade, me aproximo brevemente de Derrida, em sua discussão sobre a escrita: o *Phármakon* (DERRIDA, 2005), remédio e veneno, dependendo da *intencionalidade*, do sentido atribuído pelo autor/falante/escritor. A partir das diferentes possibilidades de leitura e de interpretação dos textos/discursos/políticas, o significativo interdisciplinaridade flutua, ora sendo significado como elemento integrador do currículo, ora como nuance disciplinar geográfica. Questiono, nesse sentido, se a interdisciplinaridade não poderia ser interpretada como um/o *Phármakon* na política de currículo para o ensino

de Geografia. Remédio e veneno, ambivalente, no *sentido* de tanto apoiar o currículo integrado quanto o disciplinar, colocando-se como um significante flutuante (LACLAU, 1999), pelo qual diferenças mútuas poderiam ser atenuadas, minimizadas por uma submissão a algo supostamente similar, idêntico.

No entanto, acredito que não só os textos/políticas oficiais, mas também este texto que escrevo não tem seus sentidos fixados integralmente. Defendo que outras interpretações, leituras e (re)escrituras podem estar se desenvolvendo em espaços contingentes e incertos, em *outros* centros de poder, escolas, professores, alunos, cotidianos. O *local, quem, como e relacionado a quê* se fala, as *posições* em que se produzem os diferentes sentidos de qualidade na educação e de ensino de Geografia, são a marca da traição da escrita, parricida, em Derrida. Esta seria a garantia de que os textos não são os mesmos, não são lidos da mesma forma, sofrendo sempre processos de recontextualização por hibridismo (LOPES, 2008).

Com base nessa argumentação, concluo defendendo que não entendo os textos curriculares oficiais como se efetivando na prática. No entanto, realço a idéia de que mesmo não a saturando, não se deve subestimar sua capacidade em produzir sentidos e, via hibridização, atuarem de modo a contribuir tanto para um maior controle dos saberes circulantes na escola, quanto para a produção de novos saberes.

.....

✓ *Hugo Heleno Camilo Costa: Graduado em Geografia pela UERJ e bolsista de AT/CNPq do grupo de pesquisa Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura, sob orientação de Alice Casimiro Lopes. E-mail: hugoguimel@yahoo.com.br*

### **Referências bibliográficas (ou textuais):**

- DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- LACLAU, Ernesto. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: DIFEL, 1999.
- LOPES, Alice C. *Políticas de Integração Curricular*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.